

PRIÔLO



O MILHAFRE *BUTEO BUTEO*

NOSSA ÚNICA AVE DE RAPINA DIURNA

A constante procura de algo de novo pode levar o homem a executar as mais diversas tarefas. Foi, em parte, devido a esta negação e à monotonia, que à cerca de meio milénio se acrescentou mais nove ilhas ao mapa.

Além de apresentarem paisagens muito peculiares, nelas deambulavam magestosas aves de rapina, as quais foram denominadas Açores, pois se pareciam muito com as que já eram conhecidas pelo mesmo nome. As suas silhuetas atraíram de tal modo a atenção dos primeiros habitantes que o novo arquipélago passou a chamar-se Açores, embora tivessem sido propostos outros nomes.

Estas aves continuaram a ser o símbolo dos Açores, mormente, aquando da visita régia do Rei Dom Carlos e da Rainha Dona Amélia em 1901. O jornal "AÇORIANO ORIENTAL", fundado há 130 anos, possui um cabeçalho ilustrado com uma dessas aves. Os autores das primeiras propostas de autonomia, passaram a dar-lhes uma conotação política. Outras conotações lhes foram atribuídas, como por exemplo, a da destruição dos recursos alimentares do homem. Pelo contrário, e apesar do seu porte ameaçador, são aves muito pacíficas que só caçam quando necessitam de alimento. O seu único inimigo é o homem.

Trata-se duma espécie vulgarmente conhecida nos Açores por MILHAFRE ou QUEIMADO e cujo nome científico é Buteo buteo. Como o nome vulgar pode variar de região para região, a espécie em questão é denominada no Continente por Águia-de-asa-redonda.

Distribui-se pela Europa, Euroásia, Norte d'África e Ilhas Mediterrâneas. É a ave de rapina mais frequente nestes locais, o que decerto contribui para colonizar naturalmente o nosso arquipélago. Enquanto nos continentes descreve rotas migratórias, nos Açores reside todo o ano. Vive em todos os tipos de floresta onde existem algumas zonas de campo aberto, em áreas cultivadas, nas zonas montanhosas e em encostas rochosas.

É vulgar verem-se os seus vôos planados e em aspiral, executados com as asas quase sempre em posição horizontal e com as penas primárias exteriores separadas como se fossem dedos ligeiramente curvados. A cauda tem forma de um leque meio aberto. Tem o corpo robusto cujas partes superiores são castanhas e as inferiores são mosqueadas ou listadas com castanho e branco. A quantidade de branco



das partes inferiores varia consideravelmente. Além de voar ao sabor das correntes de ar quente, sem o mais pequeno movimento de asas, durante longos períodos de tempo, subindo ou descendo de altitude, também possui outras modalidades de vôo. Quando se encontra poisado e é incomodado por algum intruso (homem), utiliza um vôo vagaroso e pesado e um bater de asas elaborado, mas uma vez repostado do susto, este vôo pode ser intercalado com descidas súbitas. Muitas vezes projecta-se lá do cimo, com as asas fechadas, a grande velocidade, com o fim de apanhar uma presa. Enquanto caça paira num lugar durante breves períodos com persistência considerável. Fã-lo em campo aberto, em rochedos, ou em alguma árvore firme.

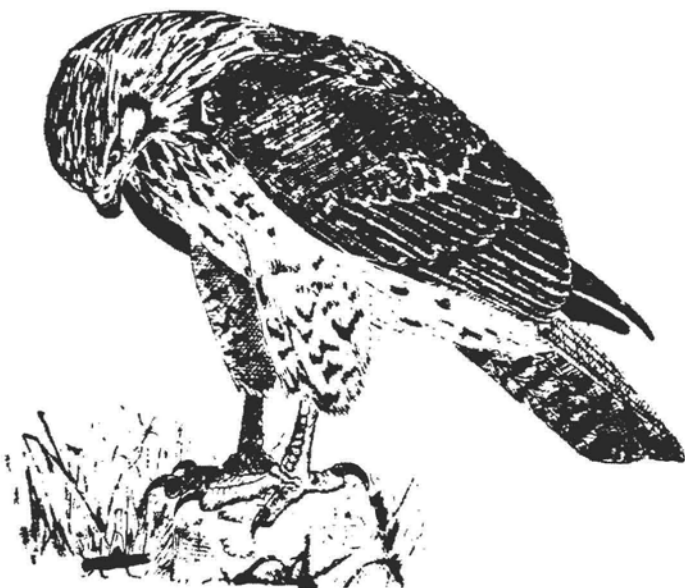
O seu modo desajustado de se deslocar no solo contrasta com a sua grande agilidade em vôo. Não costuma viver em bandos, mas em certos locais pode ver-se meia dúzia ou mais a voarem juntamente.

As suas cordas vocais produzem um miado prolongado. Na época de reprodução o par flutua em círculos perto do local onde nidificará. As duas silhuetas enfrentam-se, estando o macho em posição superior à da fêmea. As suas caudas adquirem uma forma de leque mais pronunciada e as asas mantêm-se imóveis mas com ângulos diferentes do vôo normal. Às vezes ostentam-se um perante o outro projectando-se em direcção ao solo com as asas meio fechadas, mas quando chegam a meio caminho, voltam a lançar-se em sentido contrário.

As primeiras ostentações ocorrem em Janeiro, mas podem também ser observadas no Outono. Constroem ninhos volumosos em saliências rochosas, em árvores, ou na base de colinas abrangidas por arbustos. Estes ninhos são constituídos por musgos, fetos, juncos, cascas de árvores, ervas, hera, folhas de pinheiro e cedro bem como por ramos variados.

Põem geralmente 2 a 3 ovos de cor branca salpicada com marcas castanhas cuja quantidade varia. A época de reprodução vai de Abril a Maio. A incubação começa com a postura do 1º ovo. Os ovos são postos com 3 a 4 dias de intervalo. Ambos os sexos tomam parte na incubação com maior incidência por parte da fêmea. Quando nascem as crias, o macho traz alimento para o ninho e seguidamente

a fêmea encarrega-se de alimentar os filhotes. Depois de uma semana, ambos os sexos caçam quantidades enormes de mantimentos em relação às necessidades das crias. Estas ficam dependentes dos pais 2 meses após ensaiarem os seus primeiros vôos com finalidade de aprenderem a caçar.



Antes da chegada do homem a este arquipélago, eram provavelmente insectívoros, uma vez que nessa altura não existiam pequenos mamíferos. Com a introdução pelo homem de ratos e coelhos, estas aves passaram a incluí-los na sua alimentação. No entanto, só se nutrem dos que estão moribundos, doentes ou até envenenados pelas grandes quantidades de produtos químicos utilizados nas campanhas de desratização. Este último facto faz baixar alarmantemente as populações de milhafres em locais onde essas campanhas são levadas a cabo.

Por tudo isto, é necessário lançar um apelo.

- SALVEMOS O MILHAFRE;
- APRENDAMOS A VIVER EM HARMONIA COM O AMBIENTE NATURAL QUE NOS RODEIA;
- LEMBREMO-NOS DE QUE NÓS, COMO QUALQUER SER VIVO, SOMOS PARTE INTEGRANTE DA NATUREZA.

Fátima Melo

PRIÔLO



PRIÔLO - BOLETIM DO N.P.E.P.V.S./D.Açores

nº.1/83 - PRIMAVERA DE 1983

Direcção: DUARTE SOARES FURTADO/Propriedade:NPEPVS/DA

Sede: RUA PADRE PIRES, 11-13, 9680 VILA FRANCA DO CAMPO

Composição: NPEPVS/DA: Impressão: SERVIÇOS GRÁFICOS DA
UNIVERSIDADE DOS AÇORES e DUPLIPÉLAGO /Tiragem: 100 ex.

com o apoio da **UA**çores

LÊ

ASSINA

DIVULGA

